



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A IDEOLOGIA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA NO DEBATE SOBRE A NOVA ORDEM MUNDIAL.

Aroldo Silva Santos⁺⁺⁺
(UESB)

Stênio Freitas Silva⁺⁺⁺
(UESB)

Jânio Santos^{§§§}
(UEFS)

RESUMO

O objetivo deste artigo é entender como o livro didático, no âmbito de seu conteúdo, reflete e apresenta a ideia da Nova Ordem Mundial, no sentido de pensar as ideologias, concepções e os possíveis equívocos nele contidos. A metodologia foi fundamentada na análise de três livros didáticos de Geografia do Ensino Médio e de leituras sobre os conceitos de livros didáticos, globalização, ordem mundial e imperialismo. Os livros didáticos de Geografia possuem importância para o ensino, porque contribui para a formação de sujeitos críticos. Todavia, esses vêm permeados por diversas ideologias. Sobre o tema Nova Ordem Mundial, os autores dos livros destacam seu papel no contexto histórico, a fundamentação desse conteúdo na contemporaneidade, enviesados pelo “olhar” do mundo capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Didático, Ordem, Globalização, Imperialismo.

*Graduando em Geografia/UESB. E-mail: don174@gmail.com

**Graduando em Geografia/UESB. E-mail: pedratt@gmail.com

***Prof. Adjunto Titular/DCHF-UEFS. E-mail: janiosantos@yahoo.com.br

+++

++

§§§



INTRODUÇÃO

O livro didático é um recurso pedagógico de suma importância, que sustenta e direciona, em parte, o processo de ensino-aprendizagem nos moldes recentes, porque entende-se que esse media debates dentro do contexto da sala de aula e, em geral, dá suporte aos anseios dos conteúdos estabelecidos pelo professor. Todavia, ainda que seja “ferramenta” do docente, é preciso destacar que o livro didático possui constantes influências ideológicas, de acordo com os interesses de quem o produz. A sua importância, no ensino da Geografia em específico e o modo como abordada a didática, com o passar das décadas, transformaram o aprendizado dos alunos, que passaram a fazer diversos usos dos mesmos.

Esses livros didáticos de Geografia conseguem relacionar momentos históricos, porque se percebe que é dada certa importância a conteúdos que reflitam e tragam questionamentos, por exemplo, a assuntos que versam sobre a ordem econômica e política mundial, ao discutir aspectos como globalização, novas diretrizes da economia, formação de blocos econômicos, potências militares etc. Todavia, poucos professores da área questionam, ao usar esse recurso didático, sobre o sentido ideológico que os livros repassam para os alunos, portanto, para a educação contemporânea, ao abordar essas questões.

Com base no que foi mencionado anteriormente, o objetivo deste artigo é entender como o livro didático, no âmbito de seu conteúdo, reflete e apresenta a ideia da Nova Ordem Mundial, no sentido de pensar as ideologias, concepções e os possíveis equívocos nele contidos. O “norte” é observar até que ponto esses materiais didáticos, ao proporcionar aos docentes uma visão de mundo sobre as relações de poder entre as nações, desenvolvem uma compreensão que permita aos alunos da Educação Básica realizar análises em escalas mais amplas, com certa criticidade, algo inerente à leitura da Ciência Geográfica.



Sobre a metodologia, o passo inicial selecionar três livros didáticos de Geografia do Ensino Médio, que foram adotados por escolas públicas e privadas de Vitória da Conquista: Tandjian e Mendes (2005), Moreira e Sene (2005) e Vesentini (2005). Posteriormente, foi realizada uma pré-seleção dos capítulos desses livros, que abordavam o tema em discussão: a Nova Ordem Mundial. Também foram desenvolvidas leituras sobre o conceito de livros didáticos e de outros pertinentes ao tema, tais como: globalização, ordem mundial e imperialismo.

Inicialmente, o artigo traz uma reflexão sobre os conceitos de livro didático, centrado na Geografia, e de Nova Ordem Mundial. Com base nessa, serão apresentadas as concepções dos autores sobre o tema e, para finalizar, os aspectos que norteiam a ideologia dos livros didáticos no atual momento da educação brasileira, para que o aluno possa ter uma visão crítica sobre o mundo contemporâneo.

O LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia, bem como qualquer outra disciplina ou ciência, tem sua importância para divulgação do conhecimento e descobertas de informações capazes de estimular o desenvolvimento e continuidade da vida e saber humano. Mesmo sendo sistematizada apenas no século XIX, o ensino de Geografia era praticado por pessoas sem formação acadêmica especializada na área, conforme informa Pereira (2004):

A Geografia foi sistematizada enquanto ciência no século XIX, com os alemães Humboldt e Ritter sendo considerados seus fundadores; o primeiro era naturalista e o segundo historiador. A Geografia escolar teve início no século XIX, porém seus primeiros professores não tinham formação específica. E, em geral, eram viajantes, naturalistas e historiadores (PEREIRA, 2004, p. 16).

No entanto, desde essa época e até nos dias atuais, em todos os estados, principalmente naqueles que saíram da dominação colonial, o ensino de Geografia



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

esteve ligado à instalação do sentimento nacional. Na França, por exemplo, no século XIX, tinha a função básica de naturalizar “fisicamente” os fundamentos da ideologia nacional. Desde o fim do século XIX, considerou-se a existência de duas geografias: a dos Estados-maiores e a dos professores (PEREIRA, 2004). O autor ainda pondera que:

A primeira, de origem mais antiga, constitui-se como conhecimento estratégico na mão das minorias detentoras do poder político-econômico. A segunda, com menos de um século de existência, constitui-se como outro instrumento de poder a serviço da mesma minoria, visto que seu objetivo é mascarar a importância estratégica de pensar-se o espaço e faz a Geografia ser taxada pela maioria das pessoas como uma disciplina sem utilidade (PEREIRA, 2004, p. 17).

Ainda que certas pessoas, por desconhecimento ou reducionismo, discirnam a disciplina como algo de pouca “utilidade”, “decoreba”, verifica-se que, de uma maneira ou de outra, o ensino de Geografia tem grande importância no aprendizado escolar/acadêmico, ao criar a crítica, seja pela noção de espaço físico, seja de conhecimento político-econômico, que envolve a conscientização do homem no processo de humanização. Ao menos, é o que se espera do ensino dessa ciência nas escolas.

Lembra Lacoste que “[...] de todas as disciplinas ensinadas na escola, no secundário, a Geografia é a única a parecer um saber sem aplicação prática fora do sistema de ensino”. (LACOSTE, 1988, p. 15). Passa a impressão de exigir apenas enciclopédismos. Mesmo desse modo, a Geografia assumiu seu papel de informação crítica da realidade em que se vive ou se viveu, seja de fatos históricos, abrangendo economia, política, estatística, fator humano (geral), além dos espaços físicos e suas formações. Sobretudo, após o fortalecimento do que ficou conhecido como Geografia Crítica. Para isso, o livro detém importante e insubstituível papel.

Tanto para o ensino de Geografia, quanto para o aprendizado em geral, é de extrema importância o uso do livro didático, uma vez que possibilita ao leitor/aprendiz



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

a assimilação de ideias e informações para promover o saber. O livro didático faz parte da cultura e da memória visual de muitas gerações e, ao longo de tantas transformações na sociedade, ainda possui uma função relevante para a criança, na missão de atuar como mediador na construção do conhecimento. O meio impresso exige atenção, intenção, pausa e concentração para refletir e compreender a mensagem, diferente do que acontece com outras mídias como a televisão e o rádio, que não necessariamente obrigam o sujeito a parar. Ao abordar a questão, Kanashiro, com base em Bitencourt (1997), observa:

[...] o livro didático é um instrumento de comunicação, produção e transmissão do conhecimento, integrante da tradição escolar há pelo menos dois séculos. Desde o século XIX ele tem sido o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais diversas salas de aula e condições pedagógicas (KANASHIRO, 2008, p. 12).

O livro é, então, um dos primeiros contatos da criança com a leitura, ainda que seja apenas visual, inicialmente. Certamente, esse instrumento é capaz de ampliar o saber e definir seus conceitos, norteando suas trajetórias de vida. É esse, o livro, que permite a libertação da ignorância e a criação de pensamentos críticos.

Chopin (2001) versa que manuais escolares podem ser definidos como ferramenta pedagógica destinada a facilitar a aprendizagem; constituem um suporte dos conteúdos que a sociedade valoriza e quer passar aos jovens; devem estar de acordo com os programas oficiais, quando estes existem; e por fim, transmitem um sistema de valores e uma ideologia. Em outro texto, o autor enfatiza que as quatro funções essenciais do manual escolar, que podem variar conforme o lugar, a época, a disciplina, os níveis de ensino, os métodos e os usos: função referencial ou curricular; instrumental; ideológica e cultural; e documental (CHOPPIN, 2004).

Diante das diversas opiniões de autores a respeito do ensino da Geografia nas escolas e do uso e formação dos livros didáticos, mesmo com suas particularidades



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

específicas, que variam de lugar para lugar, de tempos em tempos, a ciência ainda é e continuará sendo o caminho mais plausível para o alcance do desenvolvimento do mundo. Torna-se necessário, no entanto, que as descobertas sejam repassadas aos textos e estimulem as pessoas a tomar uma conscientização do espaço em que vivem e do que é possível alcançar. Porém, tudo isso só será possível se as críticas forem nascendo da crítica do que se está lendo, seja por um professor, seja por um aluno. Se forem apenas para formar robôs ou pessoas que vivem em caixinha, há de estar equivocado: o ensino e o aprendizado.

Portanto, o livro didático discute temas que possam levar a compreensão e, ao mesmo tempo, transmitir o conteúdo, apresentando-o de forma clara para os alunos. No contexto da Geografia, vários pontos que serão analisados, no âmbito do conteúdo do livro didático, a partir deste momento, como: Nova Ordem Mundial, imperialismo, para observar como os autores abordam essa temática e qual a ideologia nos livros contida.

A NATUREZA IMPERIALISTA DO IMPÉRIO: VISÕES CONFLITANTES

Para Del Roio (1998), a compreensão do momento histórico mundial pelo qual passou a humanidade, nesse início de século XXI, quando surgiram fortes indícios de uma crise que se difunde por todas as dimensões da existência e coloca em risco a própria reprodução da espécie, exige, antes de tudo, a apreensão da sua particularidade. Portanto, entende-se que imperialismo e os monopólios são a consequência da concorrência capital no mercado, em que os mais fortes se tornam cada vez mais fortes, os poderosos cada vez mais poderosos. A concentração de renda e de poder é um resultado obrigatório das condições da concorrência, em que o Estado tem papel estratégico, seja de favorecer os grandes grupos econômicos, seja de promover os interesses das grandes potências nos conflitos internacionais.

Nessa leitura, parte-se do pressuposto de que, com o processo de dominação, tanto no campo ideológico quanto no físico, países como os Estados Unidos vão às



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

ultimas consequências no que diz respeito ao seu imperialismo. No século XXI, essa dominação ganha mais força, com a política de “luta contra o terror”, utilizada para justificar as invasões em nações que apresentem risco de “terrorismo”. Além desse fato, coloca-se que os “nortes americanos”, com a política de expansionismo, defendem no campo político a homogeneização dos mercados, que beneficia cada vez mais seu mercado financeiro. Assim, cada vez mais os países chamados de nações desenvolvidas tornariam suas economias mais fortes e os chamados subdesenvolvidos dependeriam desses países imperialistas.

Esse ponto de vista significa pensar que a “[...] homogeneização, da qual a mundialização do capital é portadora no plano de certos objetos de consumo e de modos de dominação ideológicos por meio das tecnologias e da mídia, permite a completa heterogeneidade e a desigualdade das economias”. O resultado, portanto é “[...] a polarização da riqueza em um pólo social (que é também espacial), e no outro pólo, a polarização da pobreza e da miséria mais desumana” (CHESNAIS, 2001, p. 13).

Por isso, na mídia, num dado contexto, o Afeganistão – e a Ásia Central, em geral – ganhou momentânea evidência, quando os EUA e alguns aliados se empenharam em controlar a gás, do qual é rica a região, e montar base estratégica entre a China e o Irã. A evidência deslocou-se, em seguida, para a agressão anglo-americana, seguida de ocupação do Iraque. O foco engloba novamente a questão Palestina, tornada, mais que antes, uma questão regional de importância decisiva. Todavia, não pode haver dúvidas de que a chamada “guerra ao terrorismo” somente mascara fundamentos contraditórios do nosso tempo e que sustentam o domínio imperial da oligarquia financeira transnacional, cuja fração hegemônica encontra-se enraizada nos EUA. (DEL ROIO, 2004).

Para Del Roio, as guerras sempre foram parte integrante na afirmação da superioridade imperialista. Aproveita-se da superioridade no plano militar, certos países tratam de resolver os conflitos pela força, pois se impõem aos seus aliados e valem-se dessa superioridade militar. Assim, os EUA se tornaram a potência mais bélica



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

da história da humanidade, não apenas pelo seu poderio militar, mas também pela quantidade de invasões, agressões, desembarques, participações em golpes militares.

Ainda segundo o autor, o ataque aos EUA serve como justificativa para que governos das metrópoles imperialistas imponham a militarização da ordem mundial, já extremamente recrudescida com a supremacia militar norte-americana após a queda da URSS. Os imperialistas podem impor com maior facilidade a recolonização das nações e patrocinar a milionária indústria militar, em retração desde o fim da chamada "Guerra Fria". Dessa forma, o imperialismo elege seu novo inimigo mortal, o "terrorismo", que substitui o comunismo e a ex-URSS como principal ameaça aos seus interesses no planeta.

Essa caracterização das tendências atuais de recrudescimento político e militar, por parte do imperialismo sobre o planeta, com a conjuntura aberta após o evento do dia 11 de setembro de 2001, de modo algum, pode justificar um "emblocamento" reacionário contra os ataques aos EUA. Se for verdade que o partido revolucionário trabalha com seus próprios métodos políticos na luta contra o capitalismo, quais sejam os da mobilização permanente das massas rumo à revolução socialista, há que se pensar sobre a legitimidade da violência (o direito à vingança) dos povos agredidos pelo terror estatal imperialista em responderem, na mesma moeda, pois isso implica a morte de civis (inclusive trabalhadores) em território norte-americano. Uma questão é a intransigente defesa programática dos métodos próprios de ação da classe operária, outra é completamente oposta é somar-se aos piores verdugos do planeta, seja na condenação ao "terrorismo" dos oprimidos, seja na legitimação da perda incessante de vidas.

NOVA ORDEM MUNDIAL E A ABORDAGEM DO LIVRO

O livro didático de Tamdjian e Mendes (2005), intitulado "Geografia: Geografia Geral e do Brasil", é um material sintetizado que normalmente é utilizado durante todo



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Ensino Médio, com conteúdo geral e vasto a respeito da disciplina. O tema Nova Ordem Mundial é abordado segundo o mundo atual e mostra um pouco da história recente dos acontecimentos, até o presente. Faz questionamento se realmente é ordem ou desordem mundial e quando toca no tema aborda a relação hierárquica dos países. Isso, além de demonstrar questões como organização, força econômica, aspecto da militarização, mando do território e identificar países que “comandaram” o mundo do século XX. Isso, sem deixar de trazer os conceitos de monopolar, bipolar e multipolar.

No caso do livro elaborado por Lucci (2001), aponta-se que os Estados Unidos, ao imporem seu poder no mundo e destacar-se como novo Império do século XX, passou a ser o principal organizador dos acontecimentos no mundo, sobretudo, face à divisão da Ex-União soviética e o surgimento de novas nações, aspectos que alteraram profundamente o mapa e as relações de poder no globo. O autor cita que, com o fim da Guerra Fria e a revolução tecnológica, a globalização passou a interferir diretamente nas ações, tanto dos países considerados desenvolvidos, como os subdesenvolvidos.

Lucci (2001) traz em seu material um conteúdo para ser lecionado no Ensino Médio. O tema Nova Ordem Mundial é abordado pensando momento em que as superpotências baseavam sua força pela capacidade militar e descreve os posicionamentos políticos que os Estados Unidos e a União Soviética conseguiam expor, num dado momento da história. O livro traz o conceito do capitalismo e refere-se a um sistema dinâmico, produtivo e competitivo, o que é claramente ideológico, porque não pondera a que custo isso ocorre.

Em sua proposta, Lucci (2001) ainda discute os modelos políticos capitalismo e socialismo, quando o mundo era marcado pela chamada ordem bipolar, e expõem a formação das alianças militares da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que agregou os países capitalistas, com os Estados Unidos sendo representante principal; e o Pacto de Varsóvia, em que o principal representante era a União Soviética. O livro aborda a corrida armamentista e aeroespacial das superpotências e ainda ponderam o tema Nova Ordem Mundial com relação à Globalização. Nesse momento,



mostrar a desestruturação do sistema socialista, a popularização da utilização das novas técnicas e informações e a dinamização das estruturas político-econômicas do sistema capitalista.

Ao fazer uma reflexão sobre o conteúdo desses livros didáticos, cabem as palavras de Pereira (2004), ao ponderar que esses estimulam o conhecimento e fazem com que a Geografia seja uma ciência que desenvolve o humano e a busca do saber. Todavia, sabe-se, na verdade, que essa busca do conhecimento é cruzada por múltiplas ideologias, o que faz com que os conteúdos dos livros repassem, em geral, apenas o que é de interesse do Estado, que controla o que é direcionado às escolas.

No século XIX, quando surgiu a Geografia, essa ganhou importância na sociedade com um fundamento ideológico de nacionalidade. Não se pode subjugar ou subestimar o papel da Geografia, em qualquer contexto histórico, porque, como muitos autores não trazem, a Geografia tem trajetória importante para o meio acadêmico e, sobretudo, poder de formar cidadãos, com consciência política, isso permeada por várias ideologias. Nesse contexto, cabe pensar qual deveria ser o papel da Geografia nas escolas. Lacoste (1988) aponta que a "[...] Geografia é a única a aplicar um saber sem aplicação prática fora do sistema de ensino", o que é um engano, pois essa ciência mantém papel fundamental, que é de informar (ou desinformar) os cidadãos dos fatos históricos e do presente; construir ou desconstruir ideologias.

Diversos autores pesquisados mostram que a Geografia é uma ciência que abrange outras ciências e o livro didático possibilita o aprendizado, com conteúdo vasto e um arcabouço de informações. Esse material é algo que reflete uma dada cultura e preserva parte da memória, ainda que seletiva, para gerações que buscam o conhecimento. Também é a primeira ferramenta que a criança tem contato na escola, onde inicia seu conhecimento formal. Por isso, serve como manual de aprendizagem, com toda sua metodologia, sendo um dos métodos mais importantes para o desenvolvimento da sociedade.



Ao ler os livros didáticos, sobre o tema nova ordem mundial, é possível analisar e fazer crítica sobre como o sistema social, econômico e político está presente no mundo contemporâneo, isso permeado por ideologias que ora refutam e ora sustentam o modo de produção vigente. É por isso que Almeida (2005) coloca a ideia de que o imperialismo e sua ideologia tornam-se perigosos para o desenvolvimento humano, porque colocam-se como verdades inquestionáveis, naturalizadas. Para o autor, o imperialismo contemporâneo denomina-se neo-imperialismo, por possuir algumas diferenças com relação ao neo-colonialismo. Os países imperialistas dominaram, exploraram e agrediram os povos de quase todo o planeta. Porém, as maiores partes dos capitalistas e da população dos países imperialistas acreditavam que suas ações eram justas e até benéficas à humanidade em nome da ideologia do progresso.

Associado a essa ideologia está a concepção de Nova Ordem Mundial e de Geografia do poder. Del Roio (2004) mostra como o mundo está interligado e como as economias estão mais dependentes, devido ao processo de internacionalização do capital. É possível compreender, de forma mais clara, como essa dinâmica torna-se possível, sobretudo, devido à ideologia da globalização, que é defendida por nações mais desenvolvidas economicamente para assim ter novos mercados de consumo, onde os produtos, serviços e o capital podem circular “livremente”, sem fronteiras.

Todavia, os livros também mostram como esse processo está consolidado e, cada vez mais, os países mais pobres passaram a depender dos mais ricos. Para Lucci (2001), a verdade é que a sociedade ainda não conseguiu superar problemas que vêm se repetindo ao longo da história.

Para um grupo de autores, a rigor, as sociedades do mundo estão em processo de globalização desde o início da História. Para outros, o processo histórico a que se denomina Globalização é bem mais recente. As principais características seriam a homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a



reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais, a hibridização entre culturas populares locais e uma cultura de massa universal.

Todavia, o que os livros precisam deixar claro são os caminhos possíveis para a superação das condições de indignidade de milhões de pessoas. Trilha árdua a seguir, que, porém, não pode ser vista como uma via de mão única, menos ainda, centrada na ideia de um ou dois sujeitos. Mas, nos interesses da coletividade.

CONCLUSÕES

O livro didático é de grande importância para a aprendizagem nas escolas, pois norteia o professor na sua proposta pedagógica de ensino. Também, é onde o docente estabelece o conhecimento adquirido para poder apresentar aos seus alunos. Todavia, não é somente um material que é de interesse ao docente, sobretudo, daqueles que têm uma preferência particular, quanto ao conteúdo, para reproduzir uma concepção de Estado e de sociedade.

O Estado dita as regras do que pode ou não ser apresentado aos alunos, pois há um contexto político para elaboração desse material. Assim, não basta somente a proposta do professor. Aliás, esse, por sua vez, tem parcela pequena na preparação e produção do conteúdo apresentado no livro didático, o que não lhe tira a importância de resignificar e debater o que é posto. Isso se dá num contexto histórico de crítica em que importa questionar aquilo que é, apenas, de interesse do Estado e da parte dominante da sociedade, para que esses possam sempre controlar os desígnios da educação. Tudo isso motivado pela reprodução da sociedade capitalista.

Os livros didáticos de Geografia pesquisados mostraram o tamanho da sua importância para o ensino médio. Neles, os autores destacaram o papel da Nova Ordem Mundial no contexto histórico, como esse conteúdo está sendo passado para os seus alunos e qual a fundamentação desse conteúdo na contemporaneidade.



Na questão da Nova Ordem Mundial, os livros apresentam como parâmetros as questões econômicas, sobretudo a formação dos blocos e a hegemonia da sociedade capitalista capitalismo, pois mostram o papel dos países considerados potências mundiais e quais suas atuações no mundo globalizado. Apontam também a relação de hierarquia que, ao mesmo tempo, norteia os rumos do capitalismo mundial, bem como o termo “polaridade”, fator que merece destaque, pois tal ideia justifica a divisão dos territórios, segundo sua força econômica. Portanto, se os livros didáticos trazem uma ligação histórica com o conceito da Nova Ordem Mundial, entretanto é preciso que o professor traga para a sala de aula uma discussão mais ampla desse tema, sobretudo no que tange aos novos desígnios da sociedade atual, fazendo referência às diversas ideologias e abrindo leque para o aluno construa seu conhecimento de forma autônoma, todavia conhecendo as várias facetas do mundo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. Globalização: a nova face do velho imperialismo In: **Anais do simpósio lutas sociais na américa latina.2, crise das democracias latino-americanas: dilemas e contradições. Anais...** Gepal, Londrina/PR, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundosimposio/joserubensmascarenhasdealmeida.pdf>>, acesso 12 jun. 2015.
- BITTENCOURT, Circe, M. F. Livros didáticos: entre textos e imagens. In: _____ (Org). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 69-90.
- LUCCI, Elian Alabi. A nova ordem mundial e a Geografia do poder. In: **Ciência Geográfica**, Vol. XV, Bauru, Janeiro/Dezembro, 2011.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. 3ª Ed. São Paulo: Xamã, 2001.
- CHOPPIN, Alain. Pasado y presente de los manuales escolares. In: **Educación y Pedagogía**. V. XIII, n. 29/30, enero/setiembre, 2001, p. 209-229.
- _____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 3, set/dez, 2004, p. 549-466.
- DEL ROIO, M. **O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo**. São Paulo: Ícone, 1988.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

_____. A mundialização imperialista. In: **Revista Lutas Sociais**, Pontífice Universidade Católica, n. 11/12, São Paulo, 2004.

KANASHIRO, Cintia Shukusawa. **Livro didático de Geografia: PNLD, materialidade e uso na sala de aula**. 2008, 163f, Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)-Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação/Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LACOSTE, Y. **A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988

MOREIRA, João Carlos; SENE, Eustáquio de Sene. **Geografia**. Vol. Único. São Paulo: Scipione, 2005.

PEREIRA, C. M. B. **Política pública e avaliação no Brasil: uma interpretação da avaliação do livro didático de geografia para o ensino fundamental**. 2005, 93f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

TANDJIAN, J. O.; MENDES, I. L. **Geografia Geral e do Brasil: estudos para a compreensão do espaço**. Vol. Único. São Paulo: FTD, 2005 (Ensino Médio).

VESENTINI, José William, **Geografia geral e do Brasil**. Vol. 1ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2005.